

“TÁ RINDO DE QUÊ?” OU OS LIMITES DA TEORIA HUMOR GRÁFICO NA IMPRENSA FEMINISTA DO CONE SUL

“WHAT’S SO FUNNY?” OR LIMITS OF THEORY GRAPHIC HUMOR IN THE SOUTHERN CONE FEMINIST PRESS

Cintia Lima Crescêncio¹

Endereço: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus II de
Três Lagoas. Av. Ranulpho Marques Leal, 3484. Três Lagoas/MS.
E-mail: climahist@gmail.com

Resumo: O humor e o riso produzido por mulheres configuram uma maneira única de ser e estar no mundo. Partindo desse debate, proponho uma reflexão sobre as dificuldades da teoria em explicar o humor gráfico contra-hegemônico produzido por cartunistas mulheres e publicado em jornais feministas do Brasil, Argentina e Uruguai entre os anos 1970 e 1980.

Palavras-Chave: Teoria; humor gráfico contra-hegemônico; cartunistas mulheres.

Abstract: Humor and laughter produced by women configure a specific way of being in the world. From this debate, I propose a reflection about theory difficulties explaining counter-hegemonic graphic humor produced by women cartoonists and published in feminist newspapers from Brazil, Argentina and Uruguay between 1970 e 1980.

Key-words: Theory; Counter hegemonic graphic humor; women cartoonists.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História, Mulheres e Feminismo.

Introdução

Era 1988, o jornal feminista uruguaio *Cotidiano Mujer* publicava uma coluna intitulada: “Urgente: se necesitan mujeres dispuestas a reír”. O texto, fruto do esforço da equipe de reunir charges e tirinhas com autoria de mulheres, é uma reflexão sobre a natureza do riso das mulheres. As autoras identificam que o cômico é uma preocupação que tem afligido investigadores, pensadores e filósofos há séculos. De fato, de Aristóteles a Freud, o cômico, bem como o humor e o riso, tem sido alvo de reflexão séria e científica. O humor das mulheres, entretanto, não figura nas antologias que visam apresentar o humor como um novo e interessante universo de pesquisa. Dito isso a conclusão é única. O humor hegemônico não faz rir, ele lança um problema.

Qué es lo que nos hace reír a las mujeres? Qué es lo que nos resulta cómico? Nuestra búsqueda de tiras cómicas para incluir en esta página fue poco fructífera. Desechamos decenas de tiras hechas “sobre” mujeres, otras tantas que planetaban verdades, pero que no nos hacían reír. Por eso empeamos por las preguntas².

Na tentativa de publicar tirinhas cômicas o jornal deparou-se com grande número de materiais “sobre” mulheres. Entretanto, as mulheres existem primordialmente como personagens, alvos e objetos do humor. Se observarmos o universo humorístico atual, o resultado será o mesmo: as mulheres estão em filmes de comédia, nas falas de humoristas de *stand up comedy*, nos espetáculos da arte da palhaçaria, nas charges e tirinhas publicadas diariamente em jornais. O levantamento feito pelo *Cotidiano Mujer* ainda concluiu: as tirinhas e as charges não as faziam rir. O humor que predomina, portanto, não provoca o riso em mulheres. A partir disso que o texto inicia uma reflexão importante: O que faz as mulheres rirem? Em resposta a esse questionamento, o artigo afirma:

[...] no queremos reír ni como payazos, ni como bobas. Queremos reírmnos con ternura e afecto, y dirigir la ironía y la acidez hacia donde debemos dirigirla. No para castigar con el ridículo lo que nos duele, sino para incorporar al mundo y a la cultura esa visión lúdica que las mujeres no hemos tenido oportunidad de perder aun³.

A resposta está totalmente articulada às intenções feministas do jornal e alinhada a um olhar crítico sobre o humor como instrumento de destruição, assim como

² Urgente: se necesitan mujeres dispuestas a reír. *Cotidiano Mujer*, Uruguai, Ano 3, Nº 20, p. 18.

³ Urgente: se necesitan mujeres dispuestas a reír. *Cotidiano Mujer*. Op. cit, p. 127.

apresentado por autores como Quentin Skinner e Henri Bergson. O texto defende, então, um riso baseado na ternura e no afeto, a exemplo das elaborações teóricas de Regina Barreca, Nancy Walker e Umberto Eco, negando um riso fundado no ridículo e na dor. Assim como no *Cotidiano Mujer*, o conteúdo humorístico de jornais feministas alternativos que circularam entre os anos 1970 e 1980 no Cone Sul, é baseado em um premissa diferente⁴.

Partindo dessa constatação, o presente artigo tem como objetivo elaborar uma reflexão acerca do humor gráfico difundido pelos jornais feministas *Nós Mulheres* (Brasil), *Mulherio* (Brasil), *Persona* (Argentina) e *Cotidiano Mujer* (Uruguai). Para isso o texto está dividido em duas partes. Na primeira apresento um breve panorama da história da imprensa feminista no Cone Sul. Na segunda exploro o debate teórico em torno do humor e do riso, com foco no humor contra-hegemônico produzido por mulheres.

Breve panorama da imprensa feminista no Cone Sul

A emergência dos feminismos da segunda metade do século XX no Cone Sul tem relação direta com os cenários de ditaduras vividos pelos países que integram o bloco. Marcadas pela repressão do regime e pela experiência nas esquerdas, mulheres militantes construíram-se feministas. Ao contrário do que muitos proliferam, o feminismo dessa região do globo não era uma cópia dos movimentos organizados de Europa e Estados Unidos. Diante de um contexto particular, obviamente, os feminismos de Brasil, Argentina e Uruguai sagraram-se únicos.

No caso do Brasil, em 1973, depois do Ato Institucional número 5, uma nítida ação de recrudescimento do regime, o Movimento de Luta Contra a Carestia, também conhecido como Movimento do Custo de Vida, foi o primeiro movimento que ousou ir às ruas após 1968. Composto basicamente por mulheres da periferia, as ações do grupo, que tiveram início em São Paulo, proliferaram pelo país. Donas de casa, mães, trabalhadoras, por meio dessas manifestações e explorando componentes de gênero, reivindicavam melhorias de vida e questionavam a política econômica que afetava diretamente a economia doméstica, mas também exigiam a construção de creches e maior atenção à saúde da mulheres. Em 1975, já em pleno processo de distensão e abertura, foi fundado o Movimento Feminino pela Anistia (MFA), também em São Paulo. Personalizado pela figura de Therezinha Zerbine, mulher de classe alta e influente, a organização era composta por mulheres de classes abastadas e provocou a

⁴ O esforço de construção de um outro tipo de humor não é privilégio das integrantes de jornais feministas. O grupo de ativistas Guerrilla Girls, por exemplo, conhecido por questionar o lugar das mulheres no campo das artes, também apropria-se de elementos de humor subversivo para desestabilizar o status quo. Ver, a esse respeito, BING, Janet, e SCHEIBMAN, Joanne. *Blended Spaces as Subversive Feminist Humor*. In: CHIARO, Delia, e BACCOLINI, Raffaella (ed.). *Gender and Humor: Interdisciplinary and international perspectives*. New York and London: Routledge, 2014

fundação de uma série de grupos semelhantes ao redor do país. A pauta era específica: luta pela anistia.

Além da participação em movimentos organizados, as mulheres, desde o desferimento do golpe, integraram ativamente a luta armada. Estimativas apontam que de 15 a 20% dos efetivos de organizações armadas eram de mulheres⁵. Essa porcentagem indica os grupos de esquerda como espaço privilegiado de emergência de movimentos feministas. As mulheres também fizeram parte de um dos fenômenos mais ricos da história do jornalismo brasileiro, a emergência da imprensa alternativa que tinha como objetivo, entre outras coisas, contestar o estado de exceção pelo qual passava o país⁶. Elas participavam da redação de centenas de jornais partidários, cooperativos, existencialistas, humorísticos, regionais, nacionais e também foram responsáveis pela fundação de periódicos alternativos cuja pauta era, especificamente, as mulheres e o feminismo. Nesse contexto os jornais alternativos tinham um papel de militância fundamental, era por meio deles que se divulgavam notícias nacionais e internacionais, criticava-se o regime, reivindicava-se direitos. Em muitos deles a dupla-militância era comum, neles as bandeiras partidárias e bandeiras feministas ocupavam os mesmos espaços. Em muitos casos, foi por meio da imprensa feminista que muitas mulheres tornaram-se ou identificaram-se com o feminismo. Joana Lopes, fundadora do primeiro jornal considerado feminista no Brasil, o *Brasil Mulher*, inaugurado em 1975, afirma que a experiência no periódico serviu como uma espécie de laboratório feminista para muitas companheiras, inclusive para ela⁷. Cenários semelhantes foram vividos na Argentina e no Uruguai que, apesar de cronologicamente terem experienciado a ditadura em momentos distintos, também foram marcados pelas relações entre feminismos e regimes ditatoriais, bem como pela construção do que hoje convencionamos chamar de imprensa alternativa.

O cenário de efervescência que foi marcado pelos movimentos de mulheres, pela participação das mulheres em grupos armados e organizações de esquerda e, ainda, por experiências de exílio e clandestinidade em países estrangeiros, constituíram o princípio de uma importante fase da história das mulheres. A tomada do espaço público foi rápida, embora não tenha sido imediata, e as ditaduras, apesar de predominarem nos livros de história como acontecimentos quase únicos entre as décadas de 1960 e 1980, foram acompanhadas pelo fortalecimento e pela organização dos movimentos feministas.

Articulada a um momento de clara mudança para as mulheres a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou 1975 o Ano Internacional da Mulher e o intervalo de 1975 a 1985 a Década da Mulher. Conforme Joana Maria Pedro, a iniciativa da ONU

5 RIDENTI, Marcelo. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: UNESP, 1993, p. 198.

6 KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e Revolucionários nos Tempos da Imprensa Alternativa. São Paulo: Editora Página Aberta, 1991, p. XXI.

7 TELES, Amelinha e LEITE, Rosalina Santa Cruz. Da Guerrilha à Imprensa Feminista. A construção do Feminismo pós-luta armada no Brasil (1975-198). São Paulo: Intermeios, 2013, p. 73.

tem sido apontada como o momento de inauguração do feminismo no Brasil⁸. Entretanto, análises contemporâneas sugerem a decisão da ONU como o resultado de um cenário de efervescência feminista, motivado pela luta de mulheres da periferia, pelo debate sobre anistia, pela participação das mulheres nas organizações de esquerda, bem como por experiências em países cujo debate feminista já amadurecia livremente sem as amarras impostas por regimes ditatoriais, como Estados Unidos e França. Essa reflexão, no entanto, não deve impedir que reconheçamos o papel da ONU como definidor de uma nova condição para o feminismo no Brasil. Segundo Céli Pinto, a decisão da Organização fez a questão da mulher ganhar um novo status, diante de governos autoritários e também diante de projetos progressistas que encaravam o feminismo com desconfiança⁹. Foi nesse encaixe que grupos de estudos foram formados, congressos realizados e a imprensa feminista da segunda metade do século XX inaugurada¹⁰. Esse processo foi vivido de maneira distinta em outros países do Cone Sul. A Argentina, por exemplo, antes do golpe de 1976, já experienciava uma efervescência feminista antes mesmo da decisão da ONU que, nesse país, surtiu poucos efeitos, uma vez que o decreto foi acompanhado do desmantelamento de grupos de mulheres e feministas pelo aparato estatal.

De acordo com Elizabeth Cardoso, autora que se amparou em amplo levantamento feito a partir do Centro de Informação da Mulher, arquivo localizado em São Paulo, a imprensa feminista brasileira passou por algumas fases:

[...] o período de 1974 a 1980 abriga os primeiros jornais feministas (9 no total); o período de 1981 a 1989 vê surgir um grande número de publicações feministas (44 no total) e o período de 1990 a 1999 registra uma queda no número de publicações lançadas (21 no total). Além de um periódico sem data declarada¹¹.

Durante o período de ditadura – fase concomitante à emergência dos movimentos feministas no Brasil – teriam sido criados e distribuídos uma média que varia entre 40 e 50 jornais, um número bastante superior ao encontrado por outras pesquisas que chegaram a afirmar que a imprensa feminista era pouco expressiva e que se constituía como uma “ala feminina” dos jornais alternativos, como o fez Bernardo

8 PEDRO, Joana Maria. O feminismo que veio da França. In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur César; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (orgs.). *Relações de poder e subjetividades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 56.

9 PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 56.

10 “Não era a primeira vez que em nosso país emergia a imprensa feminista. O Brasil, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, contou com uma imprensa feminista vigorosa que defendeu o direito do voto feminino, o direito à educação e ao divórcio. As feministas sufragistas (da primeira onda do feminismo) fizeram com que o Brasil vivesse o apogeu da imprensa feminista. Surgia assim a publicação de diversos jornais, dos quais o mais radical foi considerado o semanário *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Motta Diniz, cujo primeiro número foi publicado na cidade de Campanha da Princesa, Minas Gerais, em 1873. Sua diretora defendia nas páginas do jornal que a dependência econômica determinava a sujeição feminina. Francisca trouxe ideias feministas comprometidas com a abolição da escravatura negra e chegou a vender 4 mil exemplares do jornal, quando se transferiu para a cidade do Rio de Janeiro” (TELES e LEITE. *Da Guerriha à Imprensa Feminista*, Op. cit., p. 279).

11 CARDOSO, Elizabeth. *Panorama da Imprensa Feminista Brasileira pós-1974*. NP 13 – Comunicação e Cultura das Minorias, IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. s/d, p. 2.

Kucinski¹².

O tratamento e acesso a essa modalidade de documentos é mais complexo, se comparado às “facilidades” de uso da grande imprensa como fonte. Muitos jornais alternativos perderam-se no tempo e hoje compõem apenas acervos pessoais e difíceis de acessar. Sua circulação e periodicidade também eram voláteis, o que torna difícil, em muitos casos, a composição de uma coleção que permita uma análise qualitativa. Publicações alternativas como *O Pasquim*, fundado em 1969, por exemplo, acessível para pesquisa na Biblioteca Nacional, além de ter parte de seu conteúdo publicado em belíssimas edições comemorativas de capa dura e com papel de qualidade, são uma exceção. No caso da imprensa feminista as dificuldades que se referem à localização e acesso à documentação são potencializadas.

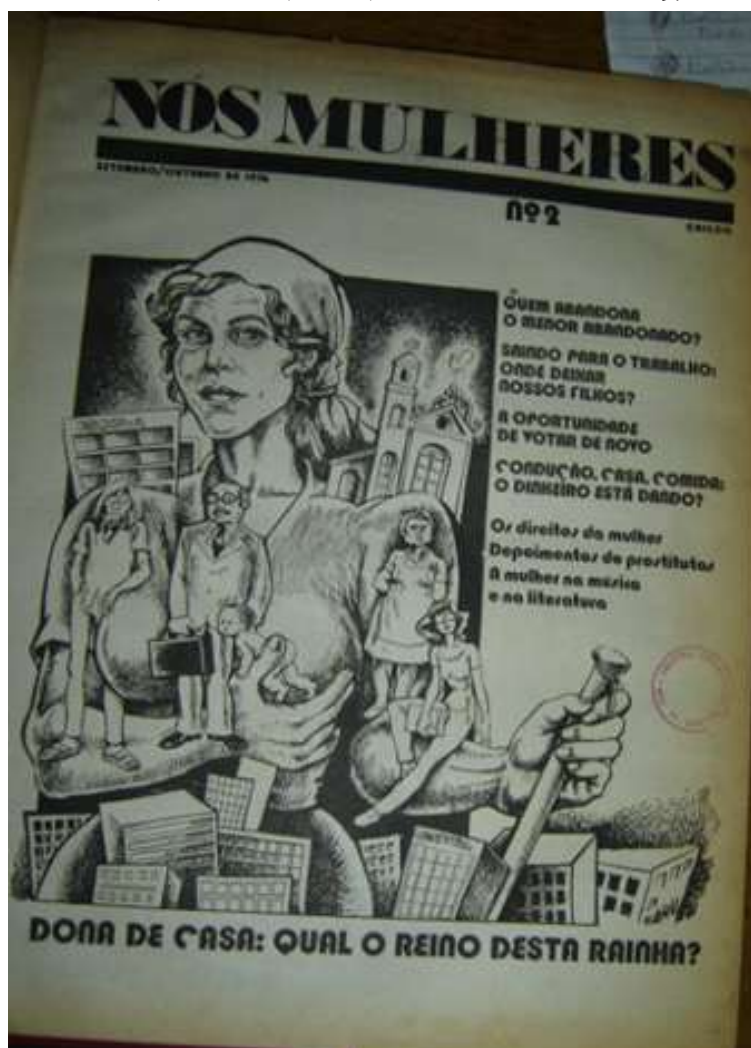
Os jornais feministas brasileiros mais conhecidos hoje são o *Brasil Mulher*, fundado em 1975 em Londrina, o *Nós Mulheres*, inaugurado em 1976 em São Paulo e o *Mulherio*, também fundado em São Paulo, um dos jornais com vida mais extensa, foi publicado entre 1981 e 1988. Muitos outros foram publicados, como o *ChanacomChana*, de São Paulo, inaugurado em 1982 e que tinha como um dos motes principais o debate sobre lesbianidade; o *Fala Maria*, publicação de um clube de mães inaugurado em 1984 em São Paulo; o *MariaMaria* que circulou a partir de 1984, publicado em Salvador, pela Sociedade Brasil Mulher, sociedade que publicou também o *Brasil Mulher* em 1975. Para este texto e em se tratando de Brasil, a reflexão recai especialmente sobre *Nós Mulheres* e *Mulherio*, jornais que publicavam número expressivo de charges e tirinhas, explorando o humor, portanto, como um componente para a produção da mudança.

O primeiro número do *Nós Mulheres* foi lançado no primeiro semestre de 1976, Suas integrantes haviam participado de reuniões feministas durante o exílio em outros países e voltaram ao Brasil antes da Lei da Anistia. Havia ainda muitas estudantes. Desde o princípio o grupo proclamava e defendia a construção de um feminismo autônomo¹³. Em termos de discussão os temas mais frequentes no jornal eram: custo de vida, inflação, anistia, mulher e mercado de trabalho, direitos reprodutivos, entre outros. O *Nós Mulheres* foi um dos primeiros jornais brasileiros a propor a divulgação de um humor gráfico com perspectiva feminista, chegando a lançar uma coluna de humor que prometia, entre outras coisas, dar visibilidade à produção gráfica humorística de mulheres. O *Nós Mulheres* teve vida curta, foram publicadas apenas oito edições e seu último número é de 1978.

12 KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários nos Tempos da Imprensa Alternativa*. Op. cit., p. 83.

13 TELES, Amelinha e LEITE, Rosalina. *Da Guerriha à Imprensa Feminista*. Op. cit., p.82.

Figura 1 - Nós Mulheres, São Paulo, Brasil, Setembro-Outubro de 1976. Edição 2. Capa



O *Mulherio* diferenciava-se dos outros jornais, muito embora tivesse preocupações semelhantes. O jornal foi fundado pela Fundação Carlos Chagas (FCC) e era coordenado por pesquisadoras da instituição, tendo uma tranquilidade financeira que não era característica da imprensa feminista alternativa do período. Enquanto a maioria dos jornais se mantinha por meio de doações ou pela própria venda dos impressos, o *Mulherio* contou, ainda, com apoio da Fundação Ford, organização estadunidense que patrocina, até hoje, iniciativas em prol das mulheres em países considerados em desenvolvimento. Essa diferenciação é visível também em termos de acesso. Todos os exemplares do *Mulherio* encontram-se disponíveis para acesso digital¹⁴. Sua edição número zero foi lançada em março de 1981, como um boletim provisório projetado pela pesquisadora Fúlvia Rosemberg e editado pela jornalista Adélia Borges. Encerrou suas atividades depois de 40 edições. Muito embora o jornal

14 Ver, a esse respeito, <http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/capas2.html> Acesso em 08 de setembro de 2017.

tenha sido produzido por pesquisadoras, uma das promessas de sua primeira edição era tratar de assuntos sérios com humor e leveza. Se foi possível perceber que o *Nós Mulheres* esforçou-se para divulgação de humor gráfico com perspectiva feminista, o *Mulherio* demonstra uma apropriação clara dessa ferramenta de informação, conhecimento e humor. Demonstrando um certo amadurecimento em termos de feminismo, *Mulherio* debatia abertamente temas como aborto, divórcio, sexualidade, assuntos considerados difíceis e muitas vezes evitados por outros jornais.

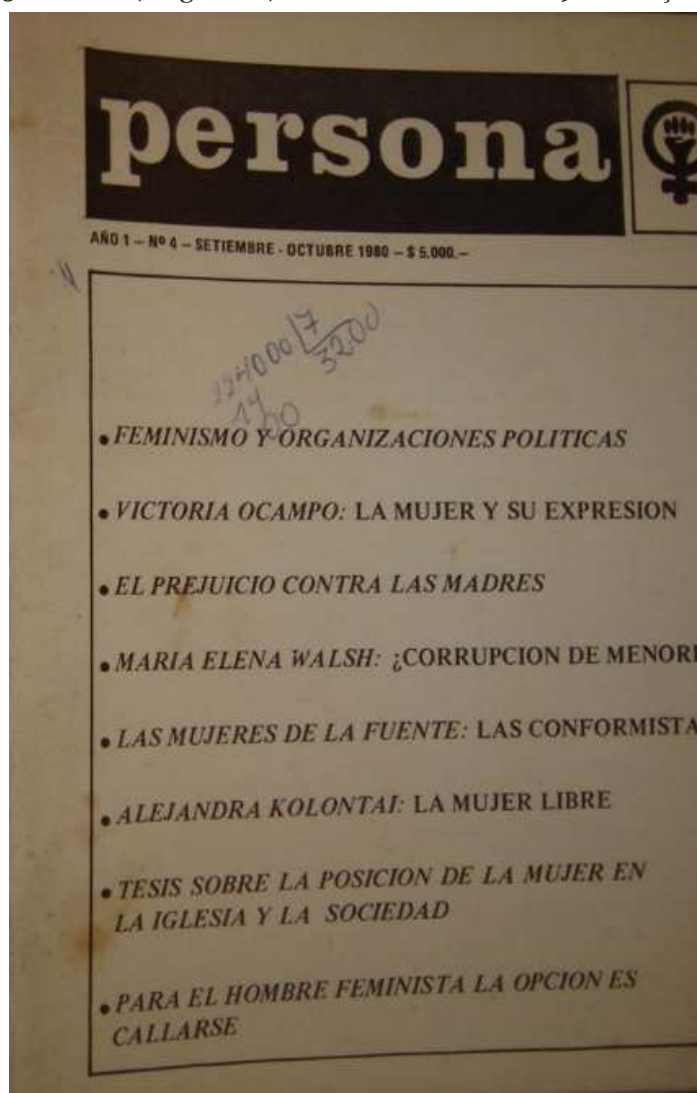
Figura 2 - *Mulherio*, São Paulo, Brasil, julho de 1987. Edição 30. Capa



A Argentina, assim como o Brasil, viveu um período de ditadura bastante violento, de 1976 a 1983, contudo, nesse país, os movimentos de mulheres e feministas já estavam significativamente organizados na ocasião do golpe. Enquanto o feminismo brasileiro emergiu, de certa forma, durante a ditadura, o feminismo argentino amadureceu/sofreu durante o auge da ditadura. O primeiro número do jornal feminista *Persona*, que incluía em suas páginas reflexões humoradas sobre a situação das mulheres, foi publicado ainda em 1974, dois anos antes do golpe. Nos anos de maior violência do regime, entre 1976 e 1980, o jornal não circulou. O *Persona* fazia parte do Movimento pela Libertação Feminina (MLF) da Argentina, entidade que se inspirou no

estadunidense Women's Liberation Front, também chamado de Women's Lib. O jornal e o grupo eram presididos por figura controversa, Maria Elena Odone, que defendia um feminismo mais individualista, se comparado a um contexto de emergência dos feminismos em meio às esquerdas, o que presumia uma certa afeição à horizontalidade¹⁵.

Figura 3 - *Persona*, Argentina, Setembro-Outubro de 1980. Edição 4. Capa



O caso do feminismo uruguaio é particular, muito embora se articule com a história dos feminismos do Cone Sul. Quando aconteceu o golpe, protagonizado pelo próprio presidente em exercício, em 1973, as mulheres uruguaias já haviam conquistado uma série de direitos que ainda integravam o universo de expectativas das mulheres brasileiras. Joana Maria Pedro aponta que nos anos 1960 o Uruguai já possuía

15 VEIGA, Ana Maria. Um Mosaico de Discursos: redes e fragmentos nos movimentos feministas de Brasil e Argentina. In: PEDRO, WOLFF & VEIGA (orgs). Resistências, Gênero e Feminismos contra as Ditaduras no Cone Sul. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 49.

divórcio legal (desde 1907). Importante lembrar que o Brasil só alcançou essa façanha nos anos 1970. Também o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e nas universidades foi precoce nesse país, principalmente se comparado aos outros países do Cone Sul¹⁶. A mesma autora destaca que o feminismo acadêmico foi um dos protagonistas do feminismo uruguaio¹⁷.

O jornal *Cotidiano Mujer* foi fundado em 1985, em Montevideu. O periódico teve vida longa e foram publicados mais de 30 edições. Sua criação está ligada à organização de mesmo nome que ainda hoje atua no Uruguai. É considerada uma publicação pioneira em termos de formato, temática e abordagem. Uma de suas fundadoras, Lilian Celiberti, afirmou que o jornal era produzido com o intuito de publicar conteúdos feitos por mulheres e para mulheres, com o objetivo de construção de uma consciência coletiva¹⁸. O jornal fez uso bastante modesto do humor gráfico, contudo, ele foi o responsável por importante reflexão que deu início a este artigo. *Cotidiano Mujer*, consciente de sua função jornalística e de seu papel político, foi capaz de perceber a fragilidade e a violência do humor hegemônico quando as mulheres são os sujeitos em questão.

Figura 4 - Cotidiano Mujer, Montevideu, Uruguai, março de 1986. Edição. Parte da Capa



16 PEDRO, Joana. Narrativas do feminismo em países do Cone Sul. In: PEDRO, Maria Joana; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul. Florianópolis: Mulheres, 2010. pp. 115-137, p. 131.

17 PEDRO, Joana. Narrativas do feminismo em países do Cone Sul. Op. cit., p. 133.

18 "Entrevistando a Cotidiano Mujer". In: La Cacerola, Uruguai, março de 1988, ano 5, n. Especial, p. 9.

Humor contra-hegemônico: algumas notas

Entre 2003 e 2006 Rachel Soihet desenvolveu o projeto “Zombaria como arma antifeminista: Rio de Janeiro (década de 1960 aos anos 1980)” com financiamento da Capes. Um dos principais alvos de problematização da pesquisa, o jornal *O Pasquim*, foi protagonista de uma série de artigos, comunicações e palestras que apontavam o periódico alternativo como responsável por uma espécie de violência simbólica contra mulheres, especificamente as feministas¹⁹. O lançamento de um olhar crítico para o humor, privilegiando seu caráter destrutivo, não é uma novidade. Rachel Soihet e outros estudos já exploraram o potencial danoso do humor e do riso e há respaldo teórico para tal abordagem.

Quentin Skinner destaca que por meio do riso podemos arruinar a causa do adversário e persuadir a audiência por meio do insulto²⁰. Nesta perspectiva o humor é compreendido como ferramenta eficaz no combate a certas posturas políticas, sociais, culturais e etc. Henri Bergson aponta o riso como um gesto com significação e alcance sociais que ao final serve como castigo que se estabelece por meio da humilhação²¹. No mesmo sentido, Ricky Goodwin, em texto que se propõe a fazer um histórico do uso dos estereótipos no humor brasileiro, destaca, referindo-se especialmente aos cartunistas do *O Pasquim*: “[...] os estereótipos sempre existirão e o humor fará uso deles”²². Uma visão fatalista aponta o caráter destrutivo do humor, o que estou chamando de humor hegemônico, aquele que faz uso de estereótipos e do ataque para desestabilizar pessoas, causas, ideologias. O humor antifeminista explorado por Rachel Soihet em seus levantamentos está, assim, enquadrado em tal modalidade humorística. O humor que emerge das páginas da imprensa feminista do Cone Sul, no entanto, tem natureza distinta e demanda uma revisão sobre o tema para compreendermos sua especificidade.

Nós Mulheres, mesmo tendo apenas oito edições publicadas, estampou em suas páginas 22 charges e tirinhas com perspectiva feminista, mais da metade delas, assinadas por mulheres²³, como é o caso da charge em destaque, assinada por Sandra.

19 SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *Artcultura*, Uberlândia, v. 9. n. 14, jan.-jun. 2007, pp. 39-53.

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma anti-feminista: instrumento conservador entre libertários. *Revista Estudos Feministas*, vol. 13, n; 3, setembro-dezembro, 2005, pp. 591-611.

20 SKINNER, Quentin. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2002, p. 9.

21 BERGSON, Henri. *O riso: Ensaio sobre o significado do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978, p. 98.

22 GOODWIN, Ricky. A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo. In: LUSTOSA, Isabel (Org.). *Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, 535-555, p. 555.

23 Os jornais citados não publicavam apenas charges e tirinhas assinadas por mulheres, muito embora este texto privilegie essa produção. As cartunistas mulheres costumavam dividir espaço com os cartunistas homens. Também é importante lembrar que muitas charges e tirinhas não eram assinadas.

Figura 5 - SANDRA. *Nós Mulheres*, Brasil, março-abril de 1977. Edição 4, p. 9

Na imagem temos um referênciã comum na produçãõ grãfica do períõdo: Adãõ e Eva²⁴. Parodiando a solene histõria que narra como Eva teria sido a primeira a morder a maçã que teria privado toda a humanidade de viver no Jardim do Eden, Sandra apresenta-nos uma Eva rejeitando a maçã com bichos. Com cara de nojo Eva fala “Ech!” e recusa nãõ apenas o fruto proibido, mas também o que o discurso religioso reservou a ela. Enquanto isso, Adãõ, talvez consciente do seu lugar de privilégio no mundo, e tendo sido agraciado com uma maçã perfeita, com rosto satisfeito saboreia sua maçã. “Hum!” afirma ele, diante do conforto de ser homem nessa narrativa.

Os estudos no campo do humor ainda sãõ uma relativa novidade para a disciplina histõria, campo do qual lanço minha reflexãõ. A conhecida premissa de que a histõria se escreve com sangue, talvez, seja uma das responsãveis por certa resistênciã no estudo do humor – charges, tirinhas, caricaturas (humor grãfico), piadas, parõdias, comédias – e do riso – redençãõ do pensamento racional²⁵. Apesar da resistênciã, e do eminente carãter interdisciplinar do campo, uma pesquisa que coloque o humor e o riso como foco de interesse se inscreve no campo da cultura entendida como categoria que elucida uma sãrie de conflitos e possibilidades de pertencimento, o que interessa diretamente à pesquisa histõrica. É preciso, portanto, buscar na linguística, na psicanãlise, na arte, na comunicaçãõ e na filosofia elementos para refletir sobre a funçãõ social do humor.

O humor e o riso sãõ parte da experiênciã humana e, portanto, sãõ relevantes para a compreensãõ da sociedade e da cultura. A partir desta abordagem, tanto o humor quanto o riso afirmam-se como fenõmenos ricos e fundamentais para os estudos

24 O cartunista Millõr, que publicava em jomais como O Pasquim e na revista Veja, fazia uso muito frequente das figuras de Adãõ e Eva para a produçãõ de suas piadas.

25 ALBERTI, Verena. O riso e o risível na histõria do pensamento. Rio de janeiro: Zahar, 2011, p. 12.

históricos e interdisciplinares, uma vez que eles suscitam hipóteses e análises únicas. Tal característica é potencializada se o olhar for lançado ao humor e ao riso de minorias políticas que historicamente fizeram uso do humor para lidar com a frustração e a raiva. É o caso dos judeus, por exemplo, grupo hostilizado em diferentes níveis, inclusive em termos de humor, mas que assumiu o lugar de produção em um espaço violento que o colocava sempre como objeto. Tal mobilidade em termos de autoridade, contudo, configura-se de maneira particular no caso das mulheres, os sujeitos que interessam a este artigo. Isso porque discursos “científicos” trataram de construir a ideia que elas não possuem senso de humor, sendo, por relação direta, incapazes de produzi-lo.

Segundo Nancy Walker, o discurso que tem negado às mulheres senso de humor é o mesmo que, por muito tempo, – principalmente durante o século XIX – questionou sua capacidade intelectual com base em argumentos de clérigos, de cientistas, de filósofos²⁶. Estando inteligência e senso de humor interligados, parece bastante claro que “[...] quem negou o senso de humor das mulheres, por conseguinte, começou negando-lhes a capacidade de pensamento lógico”²⁷. Essa negativa parece ter ainda mais aceitação no caso das mulheres feministas, taxadas desde suas primeiras manifestações organizadas, em fins do século XIX, como mal-humoradas.

Ao longo do século XX esse tratamento não mudou. Entretanto, as sufragistas da primeira metade do século já exploravam o humor para apontar o absurdo da negação do sufrágio universal. As feministas da segunda metade do século XX também exploraram o humor. Sob as amarras das ditaduras, mulheres feministas do Cone Sul fizeram do humor e do riso uma arma de intervenção e luta.

Figura 6 - Sem Autoria. *Persona*, Argentina, dezembro de 1974. Edição 3, p. 48



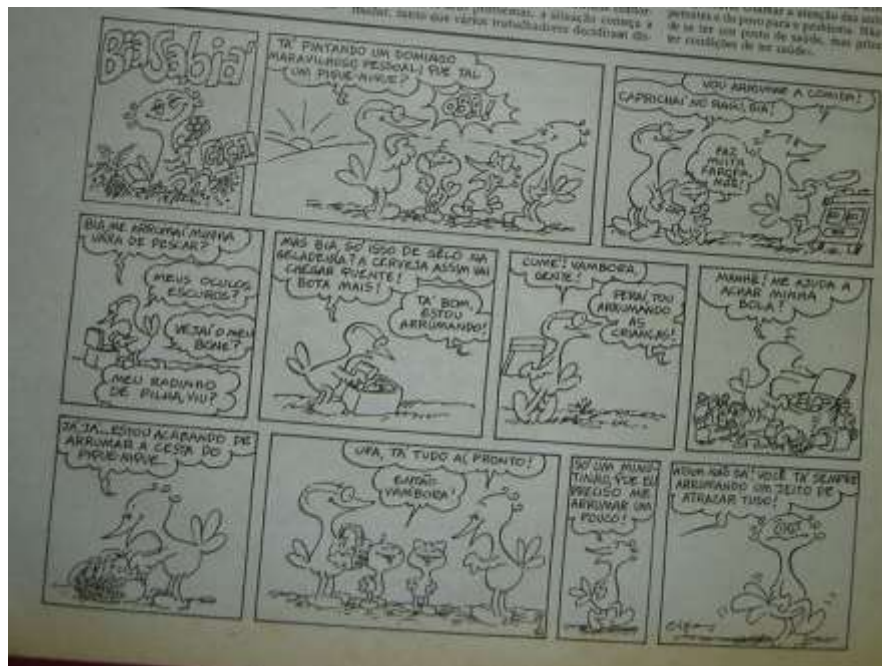
26 WALKER, Nancy A. A very serious thing. Women's humor and American culture. United States: American Culture, 1988, p. 80.

27 Ibidem, p. 82.

Tal riso tinha diferentes temáticas: maternidade, sexualidade, trabalho doméstico, política, mercado de trabalho, aborto, contracepção. Um tema pouco comum era o próprio feminismo. A charge em destaque, publicada no *Persona* e sem autoria identificada, protagonizada por Olívia e Popeye, é um dos poucos casos em que o movimento é “objeto de humor”. Na imagem, uma Olívia firme e de punho em riste, desafia um Popeye confuso diante dessa nova situação. Se a clássica Olívia é um modelo de feminilidade totalmente questionável – frágil, apaixonada, submissa – a Olívia feminista sabe muito bem o que quer. Apesar da charge em questão não ter tido sua autoria identificada, vale reforçar que o *Persona*, em um levantamento de 17 edições esparsas, entre os anos 1974 e 1986, publicou 23 charges e tirinhas, dessas, nove foram assinadas por mulheres e apenas três por homens. O número restante não teve autoria identificada ou não contava com assinatura. Com forte influência estadunidense, o *Persona* problematizou, inclusive, o tema aborto através do humor gráfico.

É esse tipo de humor que encontramos nos jornais *Nós Mulheres*, *Mulherio*, *Persona* e *Cotidiano Mujer*. Nesta modalidade de humor não há o uso da violência simbólica contra os homens, o que poderia ser considerado a reação “natural” a um humor que produzia violência simbólica contra as mulheres e contra as feministas. No humor feminista e contra-hegemônico a visualidade e o humor são utilizados para atacar a cultura machista e patriarcal; criticar a violência cometida contra meninas que são criadas para serem mães e esposas; ridicularizar a naturalização do trabalho doméstico; questionar a pouca participação das mulheres em esferas que decidem seus destinos; denunciar a negação de direitos reprodutivos; rir do controle de corpos; apontar o caráter cultural e relacional do gênero; satirizar as exigências da masculinidade. Através das diferentes autorias, dos traços, das representações visuais de gênero, das temáticas, dos dispositivos humorísticos explorados nesses jornais, é possível identificar a existência de um humor específico, baseado em outra premissa que não o ridículo do outro. O deslocamento do sujeito que é alvo do humor para o sujeito que ri tem efeitos surpreendentes.

É o que acontece nas centenas de charges e tirinhas publicadas no *Mulherio*. Com vida longa, o jornal, em suas 40 edições, publicou 102 charges e tirinhas. Muitas delas contavam com a assinatura de Ciça, cartunista que publicava em vários jornais feministas e também na grande imprensa. Em destaque uma de suas personagens mais famosas, Bia Sabiá, a passarinha.

Figura 7 - CIÇA. *Mulherio*, Brasil, setembro-outubro de 1976. Edição 2, p. 3²⁸

Bia Sabiá protagonizava histórias em que questões como maternidade, trabalho doméstico e dupla jornada de trabalho eram problematizadas. Na imagem destaque a passarinha divide cena com seu marido e filhos. Prontos para aproveitar um dia de domingo, Bia Sabiá é demandada a ajudar a todos e garantir o piquenique do feriado. Depois de atender as necessidades do marido, dos filhos e do passeio em família, a passarinha é acusada pelo marido de atrasar a diversão por precisar de um tempo para arrumar-se. Ciça, de maneira muito sutil e leve, representa a rotina doméstica de milhões de mulheres. Apesar do cenário, não há violência na tirinha, há sim produção de riso, mas um riso desconfortável com a organização do mundo doméstico.

O humor gráfico feminista permite a construção de uma história do humor que privilegia seu potencial transformador e subversivo. Regina Barreca destaca o fato do humor feito por mulheres como um humor essencialmente mais propenso à reflexão, sendo assim, um risco, um desafio à autoridade. O humor feminista desestabiliza a ordem e apresenta-se como um risco não apenas para o humor hegemônico, como também para uma estrutura social, econômica e cultural em que as mulheres são classificadas como sujeitos de segunda categoria²⁹.

28 Primeiro quadro: Bia Sabiá (título). Segundo quadro: - Tá pintando um domingo maravilhoso, pessoal! Que tal um pique-nique? - Oba! Terceiro quadro: - Vou arrumar a comida! - Capricha no rango, Bia! - Faz muita farsa, mãe! Quarto quadro: - Bia, me arruma minha vara de pescar? Meus óculos escuros? Vejaí o meu boné? Meu radinho de pilha, viu? Quinto quadro: - Mas Bia, só isso de gelo na geladeira? A cerveja assim vai chegar quente! Bota mais! - Tá bom, estou arrumando! Sexto quadro: Cumé, vambora gente! - Peraí, estou arrumando as crianças! Sétimo quadro: - Manhê, me ajuda a achar minha bola? Oitavo quadro: - Já já... estou acabando de arrumar a cesta de pique-nique... Nono quadro: - Ufa, tá tudo aí, pronto! - Então vambora! Décimo quadro: - Só um minutinho que eu preciso me arrumar um pouco! Décimo primeiro quadro: - Assim não dá, você tá sempre arrumando um jeito de atrazar tudo!

29 BARRECA, Regina. They used to call me snow white... but I drifted. Women's strategie use of humor. Penguin Book's: USA, 1991, p. 14-15.

Figura 8 - ISLO. *Cotidiano Mujer*, Uruguai, junho de 1986. Edição 8, p. 2³⁰

Na charge do *Cotidiano Mujer* essa estrutura é denunciada. Em pleno dia das mães, uma mulher consumida por crianças, pelo trabalho doméstico e pelo companheiro diz ao marido o que quer de dia das mães: “Que sejas a mãe”.

Mikhail Bakhtin, ao dissertar sobre a cultura popular medieval, destacava que o riso “[...] jamais poderia ser um instrumento de opressão e embrutecimento do povo. Ninguém jamais conseguiu torná-lo inteiramente oficial. Ele permaneceu sempre uma arma de liberação[...]”³¹. Para Allan Deligne o riso é um signo que designa um comportamento para além de qualquer objetividade, um estado de comunicação não discursivo, uma fuga do domínio lógico e um ingresso no domínio afetivo. Humor e riso são categorias diferentes, mas relacionais³².

Refletir sobre um tema praticamente inexplorado, como o humor gráfico feminista, exige um aporte teórico que extrapole o paradigma do humor hegemônico que teria sempre lançado seus melhores conteúdos contra minorias políticas, como é o caso das mulheres e também das feministas. Os clássicos, portanto, como o são Quentin Skinner e Henri Bergson, não atendem às especificidades do humor produzido com perspectiva feminista.

Nesse sentido, Umberto Eco apresenta-nos um conceito de humor adequado a uma visão transformadora de mundo. Para o autor o humor deve ser um movimento de liberdade³³. Tal visão associa-se, sem prejuízo, à ideia de que o “[...] humor das

30 - Vieja, que es lo que mas te gustaria en el día de la madre? - Que fueras la madre.

31 BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Editora HUCITEC, 2002, p. 81.

32 DELIGNE, Allan. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, Isabel (Org.). Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 29-46, p. 31.

33 ECO, Umberto. The Frames of Comic Freedom. In: ECO, Umberto; IVANOVV, V.V e RECTOR, Monica. Carnival! Approachs to Semiotic. Berlin, DEU: Walter de Gruyter, 2011. pp. 1-9, p. 8.

mulheres se desenvolve sob uma premissa diferente: elas vivem em um mundo que não é feito por elas, e frequentemente não as agrada, então suas táticas devem ser de sobreviventes [...]”³⁴

Tendo como premissa a especificidade do humor das mulheres, especialmente das feministas que protagonizaram a emergência dos movimentos dos anos 1970 e 1980, no Cone Sul, é tempo de observar a potência do humor enquanto gesto cultural capaz de construir discursivamente a transformação. É tempo de refletir sobre o poder investido no ato de tomar para si o papel de produtor(a) e protagonista do humor e do riso. É tempo de novas narrativas que desestabilizem o humor hegemônico e visibilizem o humor combativo do feminismo do Cone Sul.

Considerações Finais

Nós Mulheres (Brasil), *Mulherio* (Brasil), *Persona* (Argentina) e *Cotidiano Mujer* (Uruguai) nos contam uma história do humor que vai de encontro às principais referências teóricas do campo de estudos do humor. Se um grande número de reflexões se dedicou a analisar os efeitos danosos do humor é porque havia um terreno fértil para isso. São inúmeras as charges com teor político que ridicularizam determinadas causas e determinados sujeitos. São diversos os programas de humor que escolhem representantes de minorias políticas como alvo de riso. São múltiplas as apresentações de *stand up* que constroem suas piadas com base no ataque a(o) outra(o). É importante lembrar que o riso, pensando-o como resultado do humor, é construído através da cumplicidade. Não há riso sem cúmplices. Nesse sentido, vale reforçar que a produção de um humor baseado na ridicularização de algo ou alguém é construída a partir de aspectos da realidade. Muito embora haja um esforço para atribuir esse humor danoso à esfera das “brincadeiras”, ele nos fala de hierarquias e desigualdades muito reais. Em direção contrária, o humor contra-hegemônico produzido por mulheres cartunistas e publicado em periódicos feministas do Cone Sul investiu numa modalidade específica de humor que pouco se relaciona com esse primeiro modelo, o hegemônico. O humor feminista destacado nas páginas anteriores não ri do outro. Ele ri do absurdo da desigualdade entre homens e mulheres.

Na divulgação do humor gráfico feminista a imprensa também feminista teve papel fundamental. É preciso considerar o reduzido mercado disponível para as mulheres do período, seja porque o traço delas não era considerado profissional o suficiente, seja porque a abordagem – evidentemente feminista – não era interessante para a maioria das publicações. A imprensa feminista do Cone Sul, especialmente de Brasil, Argentina e Uruguai, no seu esforço, mesmo quando tímido, de publicação de

34 BARRECA, Regina. They used to call me snow white... Op. cit., p. 36.

charges e tirinhas, possibilitou a circulação de uma produção extremamente original e com um enfoque humorístico pouco visto nestas regiões. O humor no Brasil, especificamente, foi construído com base no estereótipo, na ridicularização e é pouco comum que ele seja pensado a partir de outras visões de mundo. A imprensa alternativa feminista, diante de todas as dificuldades que cercavam seus grupos de produção, seus debates internos, suas condições de circulação, ao reunir o humor gráfico feminista em suas páginas, que são muitas vezes rejeitadas pela história, permitiu que hoje um olhar crítico seja lançado a tais documentos, possibilitando que se levante a hipótese de que as principais teorias do humor vigentes não são suficientes para explicar o humor feminista.

O humor contra-hegemônico produzido pelas cartunistas mulheres e feministas dos anos 1970 e 1980 e publicado no formato de charges e tirinhas no *Nós Mulheres*, *Mulherio*, *Cotidiano Mujer* e *Persona* exige uma reflexão teórica que extrapole os modelos teóricos tidos como principais. Tal humor demanda uma revisão teórica séria e um debate que seja fundado em sistemas distintos de fazer rir. Um humor que desestabiliza a ordem, que questiona padrões e que aponta caminhos para construção de um outro mundo, especialmente para as mulheres, precisa de uma teoria que fundamente a construção do humor e do riso como potencialmente revolucionários. O deslocamento da condição de sujeito que é alvo do humor, para a condição de sujeito que ri, provoca uma profunda instabilidade teórica para pesquisas que procuram colocar em foco outros sujeitos que não os historicamente protagonistas do humor.

Portanto, a pergunta elaborada pelo jornal *Cotidiano Mujer* e destacada no começo deste artigo é fundamental: do que riem as mulheres? Se o humor que ridiculariza mulheres loiras, gordas, muito magras, solteiras, baixas, altas, bravas, calmas, lésbicas, feias, bonitas, jovens, velhas – ou seja, todas as mulheres – não nos atinge, é tempo de reflexão sobre o humor que faz sentido para nós. Regina Barreca afirma que o homem que teme o riso das mulheres é, na verdade, o homem que teme o poder das mulheres³⁵. Diante de tal afirmação e do humor gráfico publicado nas páginas da imprensa feminista do Cone Sul, não há dúvida, o humor é uma arma e as mulheres, conscientes de seus direitos, não tem apenas a possibilidade de acusar os limites da teoria, mas também de revolucionar as formas de ser e estar no mundo.

Recebido em 03 de outubro de 2017.

Aprovado em 21 de dezembro de 2017.

35 BARRECA, Regina. They used to call me snow white... Op. cit., p. 130.